



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Nº 01 – Ano I – Agosto/2010 – www.revistapindorama.ifba.edu.br

Interdisciplinaridades: Novos Desafios para a Educação

Prof. Rony Henrique Souza

Professor Substituto de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
rhsacaminho@hotmail.com

RESUMO

Não dá para pensar a questão da interdisciplinaridade hoje se não fizermos uma possível análise do tempo em que estamos vivendo, tempo este chamado por muitos de pós-modernidade. Tendo bem contextualizado o momento atual vamos mais uma vez nos perguntar sobre este tema que é a interdisciplinaridade, refletindo no que tange à questão epistemológica, entendendo isto como o processo de construção e produção do conhecimento; e atitudinal, buscando aprofundar na prática pedagógica. Por fim, perceber alguns fragmentos da prática ou reflexão interdisciplinar no cotidiano.

Palavras Chaves: Interdisciplinaridade, epistemologia, atitude, prática pedagógica.

INTRODUÇÃO:

Em primeiro lugar é preciso ressaltar que este trabalho é fruto das reflexões feitas em sala de aula no Curso de Pós-graduação na UFRB em Educação e Interdisciplinaridades. Deste ambiente e diante da leitura de alguns textos e livros surgiu a necessidade de refletir sobre este tema, que aos poucos vai se mostrando extremamente importante para o momento em que estamos vivendo. Entre um encontro e outro, entre textos e reflexões este artigo foi sendo construído. Somam-se a estas reflexões as feitas no I CIECODES (Congresso Internacional de Educação da Costa do Descobrimento), realizado na cidade de Porto Seguro/Bahia, nos dias 14, 15, 16 e 17 de Abril de 2010.

Antes mesmo de entrar no tema propriamente já dito no trabalho, faz-se necessário uma contextualização histórica. Quando refletimos sobre a nossa realidade chamada de Pós-Modernidade podemos tecer algumas reflexões importantes. Uma primeira complicação seria definir o que significa pós-modernidade? O que podemos dizer que são características do cidadão hodierno? Quais os marcos deste tempo? Bauman (2004) nos contextualiza muito bem neste momento quando diz que se trata de uma modernidade líquida. Querendo nos mostrar a fluidez das informações, as mudanças que se manifestam de forma muito rápidas; também nos contextualiza muito bem com a era dos descartáveis. Convém aqui dialogarmos com o que diz COELHO, citado no artigo de Luciana Nascimento:

Com Copérnico o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história (que, aliás, não possui um centro). Com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo. (NASCIMENTO, Luciana. De Oceanos e desertos: Paixão e desejo na música de Djavan. [on-line] disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/1143>, em 05/05/2010).

Não dá para compreender a pós-modernidade de forma linear, pois não se trata simplesmente de um tempo que vem depois da era moderna. Também não dá para entender este termo como um tempo evolucionista, vendo o mesmo de uma forma simplista, como se o momento atual fosse uma evolução linear da modernidade. Contudo, o fato de não conseguirmos emitir uma afirmação precisa sobre o tempo em que estamos vivenciando já nos contextualiza com o mesmo. Um tempo onde as certezas caem, não dá mais para ter a pretensão de perceber o fenômeno como um todo, mas sim como um evento que acontece. Ou seja, vai se percebendo que a razão não é o único meio de explicar a realidade e que a mesma não consegue suportar tudo o que foi buscado. O próprio Morin vai dizer sobre os erros da razão e sobre a insuficiência da mesma:

A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. E não critica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de explicar suas insuficiências (MORIN, 2002, Pág. 23).

Estamos na Era das Incertezas; Tema este que foi muito bem defendido pelo historiador Hobsbawm (2009). Ao longo deste trabalho vamos discutir mais sobre este termo.

Tendo feito uma primeira contextualização histórica, podemos dar mais um passo para buscar compreender a situação na Escola nos dias de hoje.

Tecendo um olhar sobre a escola hoje:

Como já foi dito acima, este trabalho tem também como inspiração o 1º CIECODES. A primeira conferência foi com o Prof. Dr. António Teodoro da ULHT de Portugal¹. O título de sua conferência foi no mínimo questionador: “Pode a Escola fazer a Diferença? Limites e Possibilidades de Políticas Educativas Democráticas em tempos de Globalização Neoliberal”. Duas frases que nos fez refletir logo no início de sua fala foram as seguintes: “O homem transforma o mundo e somente a Educação transforma o homem”; e a outra foi “Toda vez que compartilhamos uma idéia saímos enriquecidos”. Após esta introdução o autor nos disse que nos tempos atuais tecem-se algumas concepções sobre a escola, vejamos:

- ***A escola pode tudo...*** Sendo assim é dever da Escola democratizar a Sociedade, desenvolver o país, criar um ambiente de justiça e solidariedade. Lembro-me aqui da LDB, quando a mesma diz que devemos formar o indivíduo para a cidadania:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A princípio é até muito romântico em seus ideais. No entanto, contrastando com a nossa realidade vamos nos perguntando: que cidadãos queremos formar? Será que o modelo de cidadão que existe hoje é o que nós pensamos e queremos

¹ Doutor e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa, e Licenciado em Educação Física pelo antigo Instituto Nacional de Educação Física (INEF). Professor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, onde é Diretor da Licenciatura de Ciências da Educação, do Mestrado na mesma área científica e do Doutorado em Educação. Diretor da Unidade de Investigação Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos na sua Universidade.

Diretor da Revista Lusófona de Educação. Membro fundador do movimento sindical docente. Presidente da Direção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (1979-1989) e Secretário-Geral da Federação Nacional dos Professores, FENPROF (1983-1994). Membro do Comitê Europeu da Confederação Mundial das Organizações da Profissão Docente, CMOPE/WCOTP (1988-1992) e do Comitê Europeu da Internacional de Educação (1993-1994). Inspetor-Chefe do Ensino Primário (1974-1975). Diretor da revista o professor (1977-1979). Membro do Conselho Nacional de Educação (1988-1994). Consultor do Conselho de Ministros para os Assuntos da Educação, Formação, Cultura e Ciência (1995-1999). É, desde 1995, Presidente da Direção do Fórum Educação. Co-fundador e Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Instituto Paulo Freire – Portugal, e membro do Conselho de Assesores internacionais do Instituto Paulo Freire, de São Paulo.

para nossos alunos, nossos filhos? Não dá para simplesmente entrar na forma de um modelo de educação e Educador. Muito mais que cidadãos que tenham direitos e deveres, nossa busca é incessante em formar profetas, pessoas que lutam por um ideal, que não busque simplesmente entender e adequar a esta realidade, mas precisamos de indivíduos que queiram transformá-la, assim como salienta Marx.

- **A Crise da escola...** Aqui a escola é reprodutora de desigualdade, a escola não ensina, não prepara para o mundo do trabalho, o externo da sociedade também reflete na escola, é onde se reproduz todos os males, é reprodutora de preconceitos. Penso que um dos fatores que podem nos ajudar a entender esta realidade de crise na escola é a mesma realidade de crise da razão, do conhecimento. Crise esta manifestada por uma questão de desigualdade social e também como consequência de uma fragmentação do conhecimento. Antônio (2002) nos dirá que, “A crise de aprendizagem não se separa da crise de cultura, de sociedade e de civilização”. Por fim vejamos o que diz MORAES (2004):

Para Ubiratan D´ Ambrósio (1993^a), a fragmentação dos enfoques utilizados para analisar a realidade ampara-se em esquemas racionais e científicos especializados, em detrimento de uma visão global da realidade e mesmo com desprezo por essa visão. Para esse autor, o próprio aparecimento das disciplinas, consideradas por ele como a invenção mais fundamental da ciência moderna, deu origem ao afastamento da realidade em toda a sua plenitude (MORAES 2004, Pág. 29).

Dentro desta reflexão também podemos pensar sobre a identidade dos professores que por hora pode ser identificado como um herói, pois é ele que será o “responsável por tirar o indivíduo da ignorância, em linguagem platônica, convidar o indivíduo a sair da caverna, e outrora será o vilão, pois muitos dizem, “este menino aprendeu a falar estes palavrões foi na escola, será que ele não tem professor?”.

- **A Escola como Instância Social...** Esta foi a visão defendida pelo autor. Nem um paraíso nem o inferno. Ela é fruto de desenvolvimento social, mas ao mesmo tempo reproduz as injustiças. É instância de reprodução social e cultural. Como dizem alguns pais: esta é a melhor herança que posso deixar para meus filhos. É lugar onde também posso adquirir valores, embora já tenha sido constatado que não há uma relação necessária entre cultura acadêmica e a luta pelos direitos humanos, ou seja, saber é poder, mas nem sempre este poder é utilizado para a melhoria do ser humano. Pensou a escola também como espaço de transformação social, reconhecendo que também não é por si só uma instância emancipatória e libertadora. Atendendo a esta perspectiva convém lembramos de FREIRE (2005), ao

nos propor uma visão mais holística do mundo. Entende que a escola não pode ser só mais um retrato da realidade, sem vida, mas um meio de transformação social.

Muitos erros e equívocos comete a liderança ao não levar em conta esta coisa tão real, que é a visão do mundo que o povo tenha ou esteja tendo. Visão de mundo em que se vão encontrar explícitos e implícitos os seus anseios, as suas dúvidas, a sua esperança, a sua forma de ver a liderança, a sua percepção de si mesmo e do opressor, ou suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo, a sua situação rebelde. E tudo isto, como já afirmamos, não pode ser encarado separadamente, porque, em interação, se encontra compondo uma totalidade. (FREIRE 2005, pág. 211)

Tendo feito esta explanação o autor introduziu outra pergunta: O que nos dizem os Estudos no Campo da Sociologia da Educação? A primeira percepção é que os jovens até gostam da escola, mas uma parte significativa detesta as aulas. A partir deste aspecto podemos pensar o modelo escolar e seu esgotamento. A escola muitas vezes, ou na maioria das vezes, ensina a muitos como se fosse um. O autor explica o porquê deste currículo fechado. Segundo ele é por causa dos objetivos da Educação: por ser fruto de um processo nacionalista um dos primeiros objetivos era fortalecer a língua padrão, pois a língua se manifesta como sinal de identidade. Está aí o primeiro problema, pois ao prevalecer a língua do colonizador acaba produzindo uma discriminação. A escola não foi feita para respeitar a diversidade. Percebemos uma uniformização do conhecimento. Uma escola de massas, pois como posso ensinar a 30 ou 40 alunos como se fosse um só? O ideal democrático que virou slogan é “escola para todos”, mas até quando o educador está preparado para cumprir este papel?

Podemos também perceber algumas contradições da pós-modernidade refletidas na escola que muitas vezes ensinou que ser cidadão é ser individualista, ou seja, devo buscar meus direitos, devo manifestar ser aquilo que sou, mas até que ponto uma luta fragmentada pode ter resultado? Outro aspecto: uma escola que traduziu democracia como práticas de consumo, neste contexto capitalista ser cidadão é ser consumidor. Por fim, um outro elemento apresentado é que o ideal de desigualdade, neste contexto tribal, vai sendo encoberto pelo ressentimento e medo do semelhante.

Outra realidade é a descrença na rede pública, “por que a maior parte de nossos filhos não estão em escolas públicas”? As crianças não se socializam umas com as outras, até na escola são convidadas a conviver somente com uma classe

social, não solidarizam com os pobres, os desfavorecidos da sociedade, estamos vivendo a cada dia uma privatização do ensino.

Depois de todo este levantamento sobre a Educação concluiu que urge pensarmos um novo mandato para a escola democrática que deve contemplar alguns princípios:

- Todos somos cidadãos do mesmo mundo. “Temos direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza e temos direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”. Urge uma escola de excelência para todos, pois aqueles que mais precisam é que deve ter a melhor de nossas atenções. E conclui que acredita sim que a escola pode fazer a diferença. Outra frase que marcou ao final de sua palestra foi: “dar mais a quem mais precisa”.

INTERDISCIPLINARIDADE

Uma pergunta sobressai ao iniciarmos uma reflexão sobre este termo: O que é interdisciplinaridade? Juntamente com esta pergunta uma frustração, pois o que se tem são dizeres e reflexões sobre este termo e não há um consenso. Penso que acompanhando esta pergunta e a esta frustração percebemos uma angústia, como fazer o que não sei o que é? Quero aqui novamente mencionar Ivani Fazenda, quando a mesma diz de uma metáfora ao refletir sobre o termo. Sabemos que o interessante da metáfora é que ao dizer uma coisa quer nos remeter a outra coisa. Vejamos:

Assim percebe-se pescador aquele que tece a rede, que constrói, que sabe sobre sua função, sobre as formas e possibilidades que ela possa ser utilizada, tem muito claro o propósito com que possa pescar (bota ou peixe), e que por isto, sobretudo, sabe que a sua tarefa consiste em aproveitar, transmutar tanto a bota em peixe quanto o peixe em bota, desvelando o valor próprio, não exclusivo de cada um e, portanto, interdisciplinarmente percebido (FAZENDA 2004, pág. 424).

Gadotti (2000) nos afirma que: “A interdisciplinaridade, como questão gnosiológica, surgiu no final do século passado, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista”. Convém ressaltar que não queremos e nem temos a pretensão de aqui neste artigo esgotar este termo, mas possibilitar ao leitor que aumente o seu leque de reflexões a respeito do mesmo. Ao refletir sobre a interdisciplinaridade como uma questão atitudinal e também no que tange à epistemologia.

Para endossar esta reflexão vamos dialogar com Fazenda e Gusdorf, dois grandes teóricos da interdisciplinaridade. Começemos com as palavras de Gusdorf² ao escrever uma carta para Fazenda (1991):

O que se designa por interdisciplinaridade é uma atitude epistemológica que ultrapassa os hábitos intelectuais estabelecidos ou mesmo os programas de Ensino. Nossos contemporâneos estão sendo formados sobre um regime de especialização, cada um em seu próprio esconderijo sem interferências dos vizinhos, na segurança e no conforto das mesmas questões estéreis. Cada um por si e Deus por todos (FAZENDA 1991, pág.24).

Ao refletirmos sobre a construção do saber científico vamos constatar um período de transição, nunca o pensamento moderno se manifestou de forma tão forte, indo ao ápice da fragmentação, mas por outro lado, nunca se questionou tanto esta forma de se fazer ciência. Como foi dito no início deste artigo vivemos a Era das Incertezas. Diante disto uma questão e uma esperança: até que ponto este solo de incerteza e de crise não pode ser um terreno fértil para se pensar interdisciplinaridade? Será que, a partir disso, novos caminhos possam ser vislumbrados? Behrens em poucas palavras nos contextualiza e nos deixa inseridos na crise do paradigma ainda predominante na ciência. Vamos observar o que o mesmo salienta:

Na física quântica, para Bohn, o universo é uma totalidade indivisa, em holomovimentos, e as entidades são eventos ligados de maneira implícita. Nesta teia de conexões, interconexões e relações, Heisenberg, um dos fundadores da teoria quântica, esclarece: “O Mundo parece assim como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes tipos se alternam, se sobrepõem ou se combinam e, por meio disso, determinam a textura do todo” (in: Capra, 1996, p. 42). Para a nova cosmovisão: “O Universo não é uma máquina composta por uma infinidade de objetos, mas um todo dinâmico indivisível. Suas partes são eventos Interconectados que só podem ser compreendidos profundamente levando em conta o movimento cósmico como um todo”(Cardoso, 1995, p.35). (BEHRENS 2005, pág. 31).

Uma vez que a crise reina, que se prova que não dá para dividir o todo em partes, pois o todo está presente nas partes com sua totalidade assim como as partes levam algo do todo. Não se pensa em árvore do saber, mas sim redes. Tessituras que são construídas de formas interativas, em conjunto. Percebe-se que

² Georges Gusdorf, da Universidade de Estrasburgo, um dos grandes pensadores contemporâneos, cuja obra se aprofundou, desde a década de 40 do século passado, nos principais problemas que preocupam o homem atual: a liberdade, a religião, a ciência, a fé, o declínio de nossa civilização. Gusdorf nasceu em Bordeaux, no ano de 1912, fez a Escola Normal Superior, 1933-1937, foi prisioneiro de guerra na Alemanha de 1940 a 1945, e professor da Universidade de Estrasburgo de 1948 a 1976. A sua obra principal é *As ciências humanas e o pensamento ocidental*.

não dá para perceber o fenômeno a partir das partes ou de uma só disciplina, pois contrastamos com o limite de cada disciplina. Segundo Fazenda, a interdisciplinaridade nasce da necessidade, ou seja, ao verificamos nossos limites observamos a importância do outro. Ivani Fazenda salienta assim:

O que queremos dizer é que o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva. Tenta, pois, o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas (FAZENDA 1991, pág. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas ilustrações convém lembrarmos de uma reflexão que um aluno do IFBA³ me levou a pensar. Ele me disse o seguinte: - “Professor! Percebo que vocês professores tem uma linha parecida de raciocínio”. Fiquei a me perguntar o que estaria por trás daquela simples afirmação, pois não havia ainda conversado sobre o currículo dos meus colegas, sobre as suas abordagens, ou melhor, não havíamos ainda institucionalizado estas conversas, pois elas, todavia acontecem em nosso cotidiano: nos corredores, na sala da COEM (Coordenação do Ensino Médio) e até mesmo em uma mesa de bar. Foi meio que “dar um tiro pela culatra”, pois encontrei interdisciplinaridade onde nunca pensava talvez em procurar. Nestes espaços se conversa de tudo, se ajuda, se questiona, aprendemos e enriquecemos juntos. Este lugar é sem dúvida um espaço formativo. Onde a minha pergunta se enriquece com a resposta do outro, porém a minha certeza pode ser abalada. Nada é pronto. Aqui lembro de Fazenda (1991) partilhando de uma experiência sua de um trabalho interdisciplinar:

(...) a alegria desse trabalho em parceria manifesta-se no prazer em compartilhar falas, compartilhar espaços, compartilhar presenças, compartilhar ausências. Prazer em dividir e, no mesmo movimento multiplicar, prazer em subtrair para, no mesmo momento, adicionar, que, em outras palavras seria de separar para, no mesmo tempo juntar. Prazer de ver no todo a parte ou vice-versa parte no todo (FAZENDA 1991, pág. 12).

Podemos dizer que pensar interdisciplinaridade é sair do meu para o nosso, é sair do indivíduo para a comunidade, é sair do ter para o ser. É preferir a dialética ao dogma. É deixar a pretensão de verdade para a busca do entendimento mútuo,

³ IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.

proposto por Habermas (1989). É pensar a emancipação como resposta ao processo de alienação. É deixar o consumir pelo partilhar.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Severino. Educação e Transdisciplinaridade - Crise e Reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida; tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. O paradigma emergente e a prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRASIL. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe dos Princípios e Fins da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- FAZENDA, Ivani Catarina A. Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria. 3º ed. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____. O Desafio Metodológico de formar Professores Pesquisadores na Interdisciplinaridade. *In: Trajetórias e Perspectivas da Formação de Educadores*.
- BARBOSA, Raquel Lastre Leite. (Org.) São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir (Org.). Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. Consciência Moral e Agir Comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente. 10º Ed. São Paulo: Papyrus, 2004.
- NASCIMENTO, Luciana. De Oceanos e Desertos: Paixão e desejo na música de Djavan. Cascavel: Revista Línguas e Letras. Vol.8, Nº 15 (2007). Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/1143>. Acesso em 05/05/2010).
- GADOTTI, Moacir (Org.). Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários a educação do Futuro. Tradução De Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawa; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 6 ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

Publicado, em 22 de agosto de 2010, na www.revistapindorama.ifba.edu.br